

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA (UNILAB)  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)  
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)  
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

**ICARO MARLEY CELESTINO DE SOUSA**

**ORGANIZAÇÃO SOCIAL, RESISTÊNCIAS E MEMÓRIA POPULAR COMO  
FERRAMENTA DE LUTA: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA DO CONJUNTO  
PLANALTO EM PACOTI-CE.**

**ACARAPE - CEARÁ**

**2018**

**ICARO MARLEY CELESTINO DE SOUSA**

**ORGANIZAÇÃO SOCIAL, RESISTÊNCIAS E MEMÓRIA POPULAR COMO  
FERRAMENTA DE LUTA: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA DO CONJUNTO  
PLANALTO EM PACOTI-CE.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Edson Holanda Lima Barboza.

**ACARAPE – CEARÁ**

**2018**

## **AGRADECIMENTOS**

A elaboração deste projeto de pesquisa não teria sido possível se não fosse a colaboração de inúmeras pessoas que me incentivaram e ajudaram de formas diretas e indiretas. Por isso, gostaria aqui de expressar toda minha gratidão e companheirismo daqueles que sempre estiveram comigo e torcem para que eu consiga cada vez mais conquistar meus objetivos na vida pessoal e acadêmica.

Agradeço ao professor e orientador, Edson Holanda pelas suas inúmeras contribuições com a construção deste trabalho.

A banca examinadora, em nome dos professores Sérgio Barreira e Lourenço Cardoso que aceitaram o convite de examinar o projeto.

Aos meus queridos professores e professoras da Unilab, que ajudam na minha construção diária enquanto ser humano e diante aos desafios da vida acadêmica e social.

A minha família, em especial a minha mãe Maria Ozanira que sempre lutou muito para que eu estivesse neste espaço de lutas e conquistas.

Aos meus queridos amigos e amigas, que sempre me motivaram e constroem comigo toda essa trajetória de vida.

A minha comunidade do Conjunto Planalto, que através do seu povo me faz procurar cada dia mais ser uma pessoa melhor e de lutas.

Aos meus queridos amigos, Clemilson Martins e Marly Santiago, moradores da comunidade e que fizeram parte da construção da mesma. No qual se disponibilizaram a ajudar nesse resgate memórial.

E a minha companheira de todas as horas, Léllian Thanara que sempre me motivou e esteve comigo nos momentos bons e ruins.

**MEU MUITO OBRIGADO A TODOS E A TODAS!**

## **RESUMO**

O presente projeto de pesquisa tem como intuito analisar a história da comunidade do Conjunto Planalto, no município de Pacoti-Ceará, através um roteiro de entrevistas semiestruturadas com os principais atores sociais que participaram de forma direta e indireta de todo o processo de luta, reivindicação como também, a construção física e social da comunidade. Em relação a metodologia principal para esse projeto, será baseada em Alberti (2004) com as entrevistas *temáticas* e *história de vida*, na qual buscarei entrelaçar a memória individual desses moradores com a coletivização das mesmas, no processo que vai desde a criação da Associação de Moradores, as resistências que culminaram na construção de casas populares para 54 famílias desabrigadas que foram vítimas de uma enchente no ano de 1987 em Pacoti. A relevância do projeto se dá pela importância de um resgate memorial e busca o reconhecimento dessas pessoas que ajudaram a fundar o maior bairro do município.

**Palavras-chave:** Memória, História Oral, Organização Social, Lutas, Reivindicações.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>05</b> |
| <b>2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA .....</b>                  | <b>08</b> |
| <b>3. JUSTIFICATIVA .....</b>                                      | <b>10</b> |
| <b>4. PROBLEMATIZAÇÃO / CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA .....</b> | <b>11</b> |
| <b>5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>                              | <b>13</b> |
| <b>6. MÉTODOS / DESENHO DOS INSTRUMENTAIS DE PESQUISA .....</b>    | <b>18</b> |
| <b>7. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES .....</b>         | <b>21</b> |
| <b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES .....</b>         | <b>22</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

Em tempos de globalização e de um sistema capitalista cruel e desenfreado, as percepções históricas-comunitárias são de fundamental importância para entendermos nossas raízes e como dá-se as relações sociais a partir do tempo no qual buscamos recuperar e se enquadrar socialmente. É neste sentido, que compreendemos e afirmamos nossas identidades, mantendo um forte elo do passado com presente. Nesta perspectiva, o projeto nasce a partir de uma necessidade individual de buscar, compreender e problematizar a ausência de uma narrativa histórica comunitária sobre a fundação e como ocorreu a construção física e social da comunidade Conjunto Planalto, situada no município de Pacoti-Ce. No intuito de pensar esta recuperação histórica com base nas narrativas como um processo de afirmação de identidade local, propõe-se a uma reflexão profunda em relação ao desenvolvimento, desde o processo de reivindicação, sua fundação e durante seu constante fluxo habitacional, que se estende até os dias de hoje.

Entender o Planalto, é entender primeiramente sua localização geográfica. Essa comunidade está situada na pequena cidade de Pacoti, que faz parte macrorregião do Maciço de Baturité, no estado do Ceará. Cidade de clima agradável, típico das serras e que tem 120 anos de emancipação política. Segundo o último censo do IBGE feito em 2010<sup>1</sup>, a população da cidade era de 11.607 habitantes, e a estimativa habitacional para esse ano de 2018, chega a ser de 12.046 habitantes. A referida comunidade está localizada na zona urbana, e pode ter aproximadamente a cima de 1.000 habitantes, caracterizando-se como o maior bairro da cidade. Esses dados não são de nenhum instituto de pesquisa, mas tem como base uma concepção empírica da própria população, afinal, não há nenhuma pesquisa detalhada sobre essas informações territoriais, de contingente habitacional e populacional nesse espaço.

Essa pesquisa, além de valorizar a “história” da comunidade, que nunca foi contada e está resguardada na memória dos mais velhos, Bosi (1994), procura propor reflexões sobre os atuais problemas, que por via, têm sempre uma base histórica e geralmente não nasceram no cotidiano das pessoas que lá habitam atualmente. Uma das ideias a partir dessas narrativas, é procurar entender o porquê do nascimento dessa comunidade e como suas particularidades são tão notáveis em face dos demais bairros da cidade.

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/pacoti/panorama>. Acessado em 18/10/2018 às 13:32.

Dessa maneira, me instiga diariamente buscar uma reflexão pessoal sobre a importância da história sobre o viés da memória de pessoas mais velhas que moram, moraram ou que participaram ativamente do processo de reivindicação e construção dessa comunidade. Seguindo a linha de pensamento de Jucá (2014), é necessária a busca para arquitetar uma linha do tempo, pensando esses processos que ainda fogem do conhecimento das novas gerações, e que implica inúmeros questionamentos acerca de saber se há uma história a ser contada, identidade a ser afirmada e um real sentimento de pertencimento por esse lugar.

Segundo alguns relatos prévios nos quais eu ouvi de forma muito sintética de uma liderança do movimento, o Conjunto Planalto é fruto de inúmeras reivindicações sociais. O motivo principal dessas reivindicações, nasceu de uma enchente que assolou a cidade de Pacoti em julho de 1987. Inúmeras famílias de condições socioeconômicas baixas, moradoras da zona rural e urbana, que perderam praticamente tudo, começaram a lutar constantemente por terrenos que em lógica deveriam ser cedidos pelas gestões municipais da época. Esses atores sociais tinham como objetivo, construções de casas populares para recomeçarem as suas vidas, alavancando de início algo que se tornaria de suma importância no processo de luta, a criação de uma Associação de Moradores. Essa Associação era liderada por uma mulher, que tinha o apoio da igreja católica do município e a participação de inúmeras famílias como protagonistas nesse pacto de lutas. Eram em média 54 famílias cadastradas, que faziam encontros mensais no salão paroquial da cidade, buscando através desses diálogos, criar ideias e demandas, para assim, propor intervenções e reivindicações em prol dessas moradias.

Essa Associação era liderada principalmente por mulheres<sup>2</sup>, tinham forte influência diante as pautas sociais abordadas na sociedade Pacotiense, colocando até em cheque e constantes pressões as forças políticas coexistentes dentro da cidade. Depois de muita luta, reivindicação e doações, somente em 1993 foi cedido um terreno situado em um morro acidentado no centro da cidade, em meio a um matagal, que logo foi denominado pelos próprios moradores de “Conjunto Planalto”. De início, muitas famílias migraram para lá, principalmente as que constavam no cadastro da Associação. E com muito apoio, mas também sob constante vigilância da gestão da época, para que não ultrapassassem os metros cedidos para cada terreno, começaram a construir suas casas do zero, inclusive o terreno era

---

<sup>2</sup> Até o momento da escrita da pesquisa, consegui localizar 7 mulheres que eram a base de liderança da associação.

tão acidentado e de tão difícil acesso, que o trabalho braçal de mulheres e homens foram extremamente necessários para limpar o terreno e construir suas casas.

Outro aspecto importante dessas narrativas é entender suas construções de vida a partir dos acontecimentos vivenciados. Como era sua visão de mundo na época e o que mudou de lá para cá, entendendo suas concepções de movimento social a partir do conceito popular e suas literais importâncias como ferramenta de luta. Estanque (1999) nos fala acerca da organização dos movimentos sociais na década de 80, por isso, imaginar uma comunidade construída a partir da força social, é pensar uma unicidade de diversos mundos em um único espaço e suas relações sociais diante ao tempo presente. Por essa razão, analisar essas narrativas é essencial para entendermos o cotidiano dessas pessoas, o que mudou em suas vidas pós enchente de 1987 e o seu contexto pessoal de luta, para desta maneira, compreender as ações históricas que ocorreram ao decorrer do tempo dentro da comunidade.

Voltando ao ponto principal do projeto, é importante uma compreensão de todo esse trajeto histórico, que se inicia com esse “movimento organizado” através da Associação e suas principais lideranças. Quero buscar perfil dessas pessoas que ajudaram de formas diretas e indiretas nesse processo de lutas. O resgate dessa memória social poderá ser importante para a comunidade, que se distancia diariamente de suas raízes, chegando ao ponto dos mais jovens não saberem ou não demonstrarem nenhum tipo de interesse pela sua própria história comunitária e social.

O sentido de comunidade como categoria de análise político-social vem sendo remodelado, passando por novas leituras ditadas pelas transformações do mundo contemporâneo. E nesse complexo processo, a memória popular é um fator importante de compreensão, principalmente das pessoas mais velhas que são as bases de sustentação para buscarmos entender o ontem e o hoje, compondo assim, através dessas oralidades, uma nova visão de abordagem histórica da comunidade, que por vezes, é esquecida pelos poderes públicos como também estereotipada pelas classes dominantes dentro do município. Dessa forma, resgatar suas histórias, raízes e lutas, talvez seja uma maneira de se fixarem de vez nos seus espaços sem temer, afirmando suas identidades e reconhecendo seus aspectos psicossociais.



## 2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

O projeto delimita-se a entender através de entrevistas, busca documental e revisão literária, todo o processo de criação, manutenção e reivindicações dessas famílias a partir da Associação. E como ela se torna um mecanismo de luta, para a organização e construção social da comunidade. A importância dessa análise vem pela procura dos principais atores sociais que trabalharam intensamente na época, sejam como lideranças da Associação, nos processos de diálogos com o poder público, como também, os que fizeram o elo com a sociedade local. Dessa maneira, pela primeira vez dentro desse espaço, um trabalho acadêmico visa ouvir, analisar e transcrever essas memórias que vem dos primeiros moradores da comunidade e pessoas que faziam parte da gestão municipal da época. Procurando construir a partir disso, uma ponte de diálogo com o passado e entender como suas ações refletiram no presente.

Outra indagação que me chama a atenção quando se trata dessa problemática, Samuel (1990) é a necessidade de se entender uma oralidade como fonte de construção social e sua importância essencial dentro dos espaços periféricos. Principalmente quando essa necessidade parte de uma cobrança histórica pelo reconhecimento e de uma sociedade fadada há um desinteresse pelos processos históricos.

Afirmar identidade e reconhecer o poder popular nesses espaços é um tabu. Remetemos e ficamos reféns do não conhecimento do sentido, seus mais diversos conceitos populares e a importância do sentimento de pertencimento territorial e emotivo do determinado lugar. Por isso, ouvir essas memórias é de fundamental importância para a formação social das próximas gerações.

Com uma proposta inovadora para realidade da comunidade, um trabalho dessa magnitude poderá causar curiosidades nas camadas sociais que lá habitam. Através desse mecanismo de resgate, o sentido de pertencimento pode se ressignificar para os moradores mais atuais como até para os mais antigos também. Tanto pela sua autoconfiança em pela primeira vez evidenciar e expor tais fatos, como também, levar para o meio acadêmico reflexões sobre o sentido de fontes e sua importância nas mais diversas análises sociais.

Por isso, segundo Bosi:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. (BOSI, 1994, p.55).

O poder da oralidade está além da fala, seu sentido está na própria comunicação social. Por isso, esse mecanismo de trocas de experiências, nos leva a entender como a memória guarda informações importantes sobre fatos do passado e seus significados para o presente. Não me interessa aqui, pela minha interpretação do que aconteceu, mas resguardar através da escuta e transcrição, os mais diversos pontos de vistas e a organização social desse lugar por diversos olhares. Os relatos desses moradores têm fundamental importância para uma preservação memorial, de um tempo histórico tão recente e de necessário entendimento para a sociedade local.

Contudo, as recepções dessas memórias desencadeiam questões recitadas frequentemente no cotidiano da comunidade. Que vai desde a não manutenção da Associação que foi de fundamental importância nessa luta, como também, uma não organização social no contexto mais atual. Por isso se cria diversas indagações, como uma comunidade que nasce de um movimento histórico de lutas tão constantes e organizado, hoje não consegue se quer ter uma associação de moradores? Isso pode ir muito mais além do que imaginamos, esses relatos, talvez, possam nos ajudar a entender os "por quês" e tantas ausências nos dias atuais. Creio que não é tarefa minha fazer nenhum tipo de julgamento social e de juízo histórico, mas, através dessas oralidades, propor diversas leituras individuais e sociais que vão se encontrar ou se desencontrar, apesar de todas as suas semelhanças e diferenças. Entender esses relatos como percepção de mundo e de comunidade, pode nos levar a formulação de outras interpretações históricas, capazes de analisar as ausências atuais e a perda de organização social dentro desse espaço ao passar do tempo.

Neste sentido, pretende-se de forma simples e sucinta problematizar todas as entrevistas como forma de entendimento histórico, coletivo e organizacional na comunidade. Como evidencia Portelli (1997), propor a oralidade como fonte nesse contexto, é a maneira mais ampla de recepção dessas informações. Os agentes diretos e indiretos, tem dentro desses espaços periféricos a memória como única forma de guardar e utilizar as lembranças como ferramenta de reivindicações e lutas. Por isso, tal importância desse projeto para a história da

comunidade. Pode-se a partir disso, ocasionar reflexos que vão muito além da memória, mas também, reconhecer as marcas deixadas por cada um e sua importância pessoal, familiar e social para a construção desse espaço.

### **3. JUSTIFICATIVA**

Este projeto tem uma importante relevância não somente para mim enquanto pesquisador, mas principalmente para os entrevistados e todos aqueles que têm interesse pela história da comunidade. E, através dessas memórias poderão lembrar e reafirmar suas histórias pessoais, contribuições para formação física e social do espaço e até problematizar alguns aspectos sociais que moldaram a comunidade desde seu período de fundação até os dias atuais. Dessa maneira, a motivação parte dessas questões básicas, de se procurar e entender por meio dessas oralidades, um pouco da maneira de se pensar reivindicações da época, como se organizaram através da Associação de Moradores e como se deram os possíveis conflitos durante construção histórica desse espaço.

A motivação principal, vem primeiro da necessidade de ouvir essas pessoas, entender o contexto no qual elas estavam inseridas e principalmente, dá para comunidade uma contribuição histórica-social através desta pesquisa. É importante poder pensar a partir disso, como foram utilizadas essas ferramentas de luta e como podemos utilizá-las atualmente, pois, pensar essa comunidade como processo de tantas reivindicações, nos motiva particularmente, a buscar cada vez mais suas raízes históricas e organizacional. Acredito que a contribuição através da memória, pode-se haver um impacto maior tanto no aspecto acadêmico da pesquisa, como na própria comunidade. Geralmente, as “memórias de velhos” Bosi (1994) nesses espaços periféricos são sempre ouvidas com atenção e curiosidade por parte da própria comunidade.

Pensar essa história comunitária analisando esse processo de maneira mais ampla e com diversos interlocutores, pode-se tornar algo confuso em diversos aspectos. As narrativas podem se contrastar de uma forma que venha até comprometer os objetivos específicos da pesquisa. Dessa maneira, imaginar a análise dessas memórias advindas de todos os atores sociais nos quais participaram de forma ativa desse processo, se torna algo muito amplo, e por isso, entendo minhas limitações enquanto intérprete desses diálogos. Por essa razão, entendendo as implicações históricas, sociais e acadêmicas do projeto, a busca se limitará de

início, a ouvir 5 agentes que tiveram importância e ações diretas nesse processo de construção, no caso 3 mulheres e 2 homens.

Viso com essas questões, propor um debate mais amplo no meio acadêmico sobre o sentido da pesquisa nesses meios sociais e também, a importância de voltarmos as nossas próprias origens pessoais para contribuir com o desenvolvimento social e intelectual das pessoas. Não afirmo que esse projeto “revolucionará” a comunidade ou as pessoas que moram lá, entretanto, imaginar pela primeira vez um diálogo com pessoas que hoje levam uma vida simples, mas que no passado foram tão aguerridas nas lutas sociais, nos motiva a ir sempre mais além nesse universo das memórias e dos saberes. Afinal, como afirma FREIRE (1987), não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes. Por isso, levo esse projeto como uma troca de saberes, uma busca de compreensão sobre os momentos passados e vivenciados pelos moradores que construíram nos seus mais diversos aspectos, a minha comunidade.

#### **4. PROBLEMATIZAÇÃO / CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA**

Tratarei aqui, a problematização sobre essa memória social-comunitária e seus respectivos impactos na formação da identidade dos moradores que nela habitam atualmente. As narrativas de vidas contadas por meio da história oral, quebra parâmetros vistos algumas vezes como “tabu” nos meios acadêmicos, porém, bem utilizado e evidenciado nos espaços vistos como “comuns”, no caso a periferia. É impossível, ouvir e falar sobre histórias de vida sem antes pensar na dúvida do “verdadeiro ou falso”. Mas, quando se trata deste objeto de pesquisa, as próprias oralidades estão expostas nas mãos e nos olhares de cada morador que participou desse processo, inclusive, é evidente que, ver a comunidade que ainda está em fase de construção e sempre estará, pensando sua história como ferramenta de lutas e afirmação de identidade, se torna muito importante na análise dessas memórias individuais e sociais, a busca por entender cada vez mais o sentido dos causos históricos e sociais que nela aconteceram. Assim, ao invés de definir se tal depoimento oral é verdadeiro ou falso, seria mais produtivo interpretar os motivos e contextos que levariam um evento a ser narrado de formas diferentes.

Para Portelli (1997):

Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas

pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. (PORTELLI, 1997, p.16).

Outro ponto importante, é entender como era a organização e a mentalidade social e política da época, visto que, em uma sociedade de “cidade muito pequena” com padrões de comportamento estabelecidos e com uma mentalidade conservadora, a compreensão de como viam todo esse movimento de famílias em prol de moradias, é de fundamental importância para se analisar a força organizacional, psicológica e emotiva dessas pessoas durante todo esse processo. Inclusive, pensar o quão isso pode ter impactado de formas positivas e negativas nos mais diversos momentos da luta, me leva a refletir até pela questão do tempo que durou todo esse trâmite de organização, reivindicações e as próprias burocracias naturais ou advindas do poder público. Ao todo, segundo ao relato prévio no qual ouvi de um morador, toda essa história a partir da associação durou cerca de 6 anos, então, é de se imaginar que as narrativas devem conter importantes informações que vão além do próprio sentido do projeto. Mas que podem se aplicar até na própria formação social, cultural e religiosa da cidade como um todo.

Afirmar essas pautas históricas dentro da própria comunidade é algo dificultoso, apesar das tecnologias atuais favorecerem o acesso a informação, seja qual for, falar do nosso espaço ainda é algo distante da nossa percepção enquanto corpo comunitário. Ao passar do tempo, o que ficou explícito além da ausência da Associação pós conquistas dos terrenos, foi o desinteresse do povo para reconstruir essa unidade de base, com as reivindicações, mobilizações e o próprio zelo pela comunidade. Infelizmente, o sentimento e o orgulho de ser e viver nesse lugar ainda se limita há poucos, alguns por conhecer toda a sua história e outros por realmente ter um certo “apeço” pelo valor social da comunidade.

Por essa razão, a problematização acompanhada de questionamentos, giram em torno disso; como toda essa história que ainda irá ser contada, pode propor soluções mesmo que limitadas sobre os atuais problemas da comunidade? Como falei mais a cima, não é julgamento de juízo, mas, enquanto futuro historiador e filho desta comunidade, é preciso entender através desses relatos, muitas questões que hoje moldaram o sentido de pertencimento dessas pessoas. Que vai se interligando desde o cunho individual, familiar, associativo e pela representação do poder público da época.

Um outro ponto a ser analisado nas entrelinhas dessas narrativas, é a relação de gênero nesse processo. As mulheres eram força fundamental nisso tudo, inclusive, na própria liderança da associação. E pensar o quão elas impactaram nesse momento histórico,

desencadeia aspectos importantes na formação social e política de Pacoti. Inclusive, uma informação importante, porém triste na história dessa cidade, é que apesar do protagonismo das mulheres nas mais diversas áreas, nunca tivemos uma mulher no mais alto cargo da cidade, no caso de prefeita. Nesse viés, os diálogos pretendem ouvir as perspectivas dessas mulheres diante a essas lacunas históricas e quem sabe, estimular alguns debates sobre essas relações de gênero.

Ao decorrer da pesquisa e diante há uns diálogos prévios com essas pessoas, percebi uma outra problemática, que poderá ou não entrar nesse debate. Que é a questão ambiental da área ocupada. Na época, o terreno era uma mata nativa e de difícil acesso, por isso, houve uma necessidade inicial do trabalho dessas pessoas no próprio desmatamento do terreno. Contudo, era necessária essa ação, mas, quero procurar entender se houve alguma resistência de algum órgão fiscalizador ou regulador na cidade.

Portanto, as mais diversas narrativas que abarcam os desafios e problemas sociais da época, entrarão em evidencia neste projeto. Visto que, muitas dessas memórias trazem cada vez mais “problemas” para serem entendidos e enquadrados historicamente na nossa realidade atual. Não é objetivo propor a solução dessas problemáticas, mas, uma reflexão e compreensão sobre a realidade individual, familiar, da própria relação da Associação e do poder público com os mais diversos agentes da época.

## **5. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Construir esse projeto eleva o nível de responsabilidade social e teórica com os agentes diretos e indiretos que farão parte do seu desenvolvimento. Tanto no âmbito da pesquisa quanto no campo exploratório, procurar uma abrangência das memórias pessoais, familiares e sociais dos colaboradores, revela uma inserção no mundo cultural do outro, buscando entender sua memória e suas narrativas enquanto modo de vida, Portelli (1997). Sem aspectos de julgamento, é importante nesse período histórico-político (re) pensar que tipo de traços e memórias nossas comunidades estão formando, pois isto logo servirá de impacto direto, para uma formação crítica e de lutas que as próximas gerações terão que enfrentar.

Do ponto de vista da comunidade, essas relações se englobam de forma muito intensa, dado que, muitas vezes o mundo pessoal, familiar e social das pessoas se limitam há um determinado território. Deste modo, aguçar esse sentimento de pertencimento e consciência social da comunidade a partir dessas narrativas que serão buscadas, pode influenciar

principalmente pelo fato de seus principais atores sociais que ajudaram a construir esse espaço, serem ainda memórias vivas. Isso, pode ser um ponto bastante positivo para que talvez possamos no mínimo, refletir sobre nossa comunidade enquanto espaço de luta e memória social.

Por isso, uma das bases teóricas para elaboração desse projeto é o livro *Memória e Sociedade – Lembranças de velhos*, da autora Ecléa Bosi (1994). Ela evidencia a memória das pessoas velhas, como algo necessário para construção social dos oprimidos. Em um sistema capitalista, o valor dessa memória se limita ao valor servil dessas pessoas, como se o trabalho fosse fator determinante para produção de lembranças.

Bosi (1994) afirma:

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p.55)

Inclusive, essa percepção da autora dialoga de forma contundente em relação ao meu objeto de pesquisa. A necessidade do trabalho nos seus mais diversos sentidos foi necessária, para uma formação de lutas, consciência social e para a própria produção da memória. Não estou limitando aqui, os membros da Associação de Moradores ao sentido do trabalho como forma de exploração, mas, evidenciando a composição dessa ferramenta e sua organização social, como base importante desses elos históricos de gerações e de memória social produzida cotidianamente. Com isso, é importante questionar: “qual a forma predominante de memória de um dado indivíduo? O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar.” (BOSI, 1994, p.68).

As reflexões teóricas sobre a importância da memória perpassam as lógicas comuns dessa ferramenta social. Muitos ainda não acreditam que suas memórias e lutas tem um poder importante nos espaços onde vivem. Inclusive, quando se começa a propor um trabalho dessa magnitude, os próprios moradores não conseguem reconhecer que eles fizeram algo importante naquela comunidade, e por isso, a extrema importância de tratar suas memórias, resistências e lutas, como forma de reconhecimento individual e coletivo. E nessa ideia de uma oralidade como fonte de informação, reflexão e problematização histórica, pode nos fazer pensar sobre esses agentes diretos no processo de análise de quem era, o que faziam e quais as contribuições comunidade recebeu através dessas pessoas.

Conforme Portelli (1997) argumenta que:

A desatenção à oralidade das fontes orais tem sustentação direta na teoria interpretativa. O primeiro aspecto que é usualmente destacado é sobre a origem: as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cujo a história escrita é ou falha ou distorcida. (PORTELLI, 1997, p. 27).

Pensar sobre as prerrogativas históricas através dos seus principais agentes, é também problematizar toda a questão a cerca da ausência dessas pessoas no cenário comunitário-social atualmente. É notável que ao passar do tempo, muitos caíam no esquecimento, até mesmo aqueles que tiveram papéis importantes para sua comunidade. Principalmente, quando o viés educacional e o padrão moldado pelas sociedades elitizadas, desenham um conteúdo histórico no qual os povos “iletrados” e de baixa renda, não podem protagonizar as suas histórias individuais e sociais. Geralmente quando olhamos os conteúdos históricos, o reconhecimento dos escritores eleva apenas agentes que tem classe, renda, cor, religião e família já estabelecidas, aceitas e reconhecidas pela sociedade “civilizada”.

A memória é a própria vida, por isso, analisar essas possibilidades vivenciadas através de narrativas, nos põe em um embate de como iremos ser receptores dessas experiências. Com isso, uma análise mais profunda diante os fatos que irão ser expostos dentém uma camada de sentimentos, questões pessoais, familiares e sociais. E enquanto receptor dessas narrativas, proponho-me a buscar além do que será falado. Inclusive, olhar o tema de maneira mais profunda, com intuito de analisar as diferenciações e conceitos básicos sobre as diversidades psicossociais das memórias. Le Goff (1990) conceitua que:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja a busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja a memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestada na memória. (LE GOFF 1990, p.476).

Nessa perspectiva, Le Goff (1990) nos abrange sobre a importância da memória seja ela individual ou coletiva como ferramenta de lutas e poder social. Incluo nesta ideia, a necessidade de se coletivizar a memória para se entender a organização das famílias da época e como isso poderia impactar nos dias atuais. Pois a ferramenta da transcrição, pode ajudar a



firmar de vez todo um trajeto de luta e recuperação memórial dos agentes participantes da entrevista. Principalmente, no que tange as possibilidades de se descobrir além do que se imagina. Por isso, há uma correlação muito necessária nesse quesito, onde a tradição social está nas entrelinhas dessa memória individual e numa busca incessante para fins de coletivizá-la. “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão.” (BOSI, 1994, p.407). Posso destacar a partir dessa visão, uma tentativa de identificar esse sentimento pelo coletivo, visto que, ao decorrer do tempo essas pessoas se desconstruíram e se encontram em suas lutas e narrativas.

Como poderemos depois de tanto tempo coletivizar essas memórias? Fica uma possibilidade de junção dessas narrativas, posso considerar que os desencontros acontecerão, entretanto, o intuito do projeto não é limitar ou diferenciar as pessoas pelo que vão narrar, mas reconhece-las e protagonizá-las de acordo com sua contribuição, organização e lutas para construção física e social do Conjunto Planalto. Todavia, é importante ficar atento para não cair em possíveis armadilhas das narrativas:

Será a memória individual mais fiel que a social? Sim, enquanto a percepção original obrigar o sujeito a conter as distorções em certos limites porque ele viu o fenômeno. Mas o quando, o como, entram na órbita de outras motivações. Se a memória grupal pode sofrer os preconceitos e tendências do grupo, sempre é possível um confronto e uma correção dos relatos individuais e a história salva-se de espelhar apenas os interesses e distorções de cada um." (BOSI, 1994, p. 420).

Diante disso, preocupo-me em não reduzir as narrativas individuais como verdade grupal e absoluta. Mas procurar os elos entre as mesmas, afinal, a visão diante luta, a época e a sociedade podem ser bem entrelaçadas do ponto de vista coletivo. Logo, se cria uma necessidade de se entender essas memórias enquanto conceito, situação e adversidades. Logo, propõem-se diversas análises de obras e artigos acadêmicos a fim de se desenhar um projeto complexo, de uma recuperação memorial e histórica sobre os caminhos que antecederam o processo de luta, reivindicações e construções físicas e sociais da comunidade.

A relevância do projeto pode ter impactos importantes nas reflexões comunitárias diante as lutas sociais, como também, na produção através dessas memórias de uma história oral. Segundo a autora Verena Alberti (2004), a importância da memória está literalmente ligada a produção de fontes históricas. Com isso, os mais diversos métodos de se abordar e de se reproduzir uma memória tem que ser bastante clara para o receptor dessas informações,

principalmente, quando se trata de uma recepção que vai além do mundo acadêmico. A produção desse trabalho visa também um diálogo com os próprios entrevistados e conjuntamente com a comunidade local, e por isso, serão de maneiras diversificadas as visões que terão a cerca desse projeto. Sua metodologia é uma das chaves principais para seu entendimento, crítica e reflexões do espaço estudado.

Outro ponto importante dessa análise é não tratar a pesquisa como um “punhado de documentos escritos ou fitas gravadas”, Alberti (2004) bate nessa tecla, da não omissão do pesquisador nesse processo. Ouvir, não é o bastante, como a retenção de diversos conteúdos sobre a pesquisa também não. Mas a importância de reproduzir esse conhecimento é de fundamental importância para a criação de uma história oral crítica sobre os acontecimentos narrados. Como também, a criação de momentos reflexivos e de reproduções acessíveis dessas memórias. Não mais a limitando como um “passado esquecido”. Em razão disso:

Muitas vezes tal situação é criada por uma concepção talvez ingênua e certamente equivocada de que a história oral, em vez de meio de ampliação de conhecimento sobre o passado, é, digamos, o próprio passado reencarnado em fitas gravadas - como se o simples fato de deixar registrado depoimentos de atores e/ou testemunhas do passado eximisse o pesquisador da atividade de pesquisa. (ALBERTI, 2004, p.29).

As percepções voltadas sobre a importância dessa história oral estão muito interligadas como a maneira como será organizada no seu contexto geral. “Mas a História Oral como metodologia e como fonte envolveria necessariamente um conjunto de entrevistas. Conjunto este submetido a uma amostragem expressiva, selecionada, através da qual os suportes essenciais daquele universo em análise estariam presentes” (FERREIRA, 2000). Por isso, os atores participantes desse projeto, tem papéis fundamentais de propor suas visões enquanto agentes de luta. Inclusive, baseado no pensamento de Ferreira (1994), a análise dessa memória e sua “transposição” para história oral, propõe elementos importantes para que não aconteça uma saturação dos entrevistados. Na qual, apesar de suas memórias conterem diversas informações, cabe ao pesquisador não as esgotar ao ponto de sugar/forçar informações que não existem ou que fogem da própria realidade pesquisada.

A importância da História local nesses cenários caóticos que nos espera, pode ser uma ferramenta importante no processo de resistências, lutas e reivindicações. Em razão disso, tratar uma ou mais memórias como uma chave mestra para entender nossas raízes sociais, são de suma importância para o desenvolvimento individual e coletivo das pessoas que lá habitam. Visto que, além do pensamento comum e estereotipado sobre alguns lugares, há

história e agentes para ouvirem e falarem sobre suas autobiografias e traços de lutas dentro daqueles territórios. E principalmente quando se trata de espaços periféricos, as memórias vivem em todos os rostos, lugares e no seu próprio espaço.

A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os ecos no mercado, ler os seus grafites nas paredes, seguir as suas pegadas no campo. (SAMUEL, 1990, p.220).

Em vista disso, se manifesta cada vez mais necessária a importância de se desenvolver aspectos teóricos-metodológicos diante a imensidão de memórias que estão a nos rodear. Vale salientar que na comunidade do Conjunto Planalto, muitos dos agentes envolvidos diretos e indiretos na sua construção ainda permanecem na comunidade, embora que de forma silenciada, situação que pode ser modificada com a valorização das memórias dos mais velhos e primeiras lideranças. Bosi (1994) afirma que recordação é tão viva, tão presente, que se transforma no desejo de repetir o gesto e ensinar a arte a quem o escuta. Por isso, as proposições abordadas nesse projeto, visam fundir essa memória de pessoas mais velhas nos aspectos individuais e sociais, e como podemos fazer esse paralelo entre memória, história e transformação social.

## **6. MÉTODOS / DESENHOS DOS INSTRUMENTAIS DE PESQUISA**

Ao decorrer do projeto, o espaço de pesquisa e análise encontra-se na comunidade do Conjunto Planalto na cidade de Pacoti-Ceará. Neste lugar, procura-se estabelecer os possíveis diálogos com alguns moradores pré-selecionados. A escolha dos entrevistados deu-se, a partir da criação da Associação de Moradores que se tornou um órgão social responsável pela conquista dos terrenos; especificamente, os que fizeram parte da trajetória de luta que durou 6 anos de reivindicações, entre 1987-1993. Correlacionando com as impressões de representantes da gestão municipal de 1994, iniciando as construções das casas. Pretende-se analisar as narrativas perante os diversos acontecimentos que marcaram a construção física e social da comunidade.

Com base em Minayo (1992), esse projeto é ancorado em caráter qualitativo, onde as análises são bem mais amplas, entendendo que há universos de possibilidades a serem

descobertas, tal como explana Minayo (1992, p.16): “Entendemos por *metodologia* o caminho do pensamento e a pratica exercida na abordagem da realidade”. O que mais adiante, lê-se: “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador.” (MINAYO, 1992, p.16). Viso, propor um olhar que compreende de forma mais profunda as relações e os fenômenos sociais que dão corpo a proposta do trabalho. De modo em geral, a metodologia qualitativa pode ser entendida da seguinte maneira:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode se quantificado. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e de fenômenos que não podem ser a operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1992, p.21/22).

Com isso, a pesquisa se desenvolverá através de um trabalho de pesquisa de campo, com entrevistas semiestruturadas e com os “interlocutores-chaves”. De início propõe-se selecionar apenas 5 interlocutores para as entrevistas, mas no caso, com probabilidade para se ampliar de acordo com as narrativas, que provavelmente trarão novos atores sociais e suas outras visões perante a comunidade:

- Organizadora e ex-líder da Associação de Moradores que lutou pelos terrenos em prol das moradias populares na comunidade;
- Atual morador da comunidade que lutou pelas moradias e foi responsável pela distribuição dos materiais para construção das habitações;
- Uma das lideranças da Associação e que ajudou no diálogo direto com a gestão municipal da época;
- O ex-prefeito municipal de Pacoti (1994-1997), que colocou o projeto da comunidade para funcionar assim que assumiu a prefeitura;
- Atual moradora beneficiada com o terreno popular.

O material no qual irei utilizar na entrevista será um gravador de voz; posterior a entrevista, dedica-se fazer a transcrição detalhada dessas narrativas, evidenciando através da

escrita todo o processo narrado, sem interrupções e procurando, sempre que necessário, aprofundar nas questões principais.

O tipo de entrevista utilizada neste projeto de pesquisa, entrelaça-se numa postura de entrevista temática e entrevista com base em história de vida, conforme nos apresenta Alberti (2004), em *Manual da História Oral*:

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. (ALBERTI, 2004, p.37/38).

Desse modo, as características dos métodos de entrevistas, se mesclam com o intuito de buscar a ligação, tanto no âmbito individual e também levando ao estágio de coletivização das narrativas, abordando de forma mais ampla, o contexto histórico-social de cada entrevistado. Esta pesquisa configura-se numa perspectiva de análise dessas entrevistas a fim de se promover uma história oral e utilização da mesma como fonte de pesquisa, e podendo até abrir outros leques e olhares diante a história da comunidade, ou da própria cidade.

Outras pontes metodológicas que podem ser usadas se referem há uma análise de literatura com o intuito de entender os fenômenos que sucederam a comunidade e também, uma busca documental sobre esse processo de luta, afinal, ainda não há documentos registrados, mas que precisam ser pesquisados, para que venham a somar com o corpo da pesquisa, seja sobre algum tipo de burocracia na Associação, como também no processo de habitação. Diante a isto, detêm-se há entrevistas e ao conteúdo memorialista (Le Goff, 1990) dos entrevistados.

## 7. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E OUTRAS FONTES

O material bibliográfico consultado delinea-se com a proposta conceitual e metodológica da pesquisa. Procura-se cada vez mais as diversas fontes que venham embasar o que se propõe o projeto enquanto reflexão teórica e ação metodológica, dentre estes destaco alguns:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - Lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.; 23 cm.

Esta obra traz contribuições importantes no que se refere ao entendimento de conceitos e reflexões bases sobre psicologia social e a importância da memória enquanto objeto de reinserção histórica de pessoas mais velhas.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p. 366-419.

Este capítulo da obra de Le Goff (1990) foi importante para propor uma visão mais ampla sobre conceituações da memória.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, (14), fev. 1997. p. 25-39.

O referente texto contribuiu de forma necessária para o entendimento sobre oralidades e fontes orais, trazendo um amplo leque de possibilidades de imaginar as oralidades como papel fundamental na produção de conhecimentos.

SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. p. 219-242. V. 9, n. °19, set. 1989 /fev. 1990.

O artigo traz as amplas possibilidades de análises da História Oral e a importância do depoimento oral com articulação documental, para dessa maneira, propor amplas possibilidades de construção a uma História local.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

ALBERTI, Verena. Das implementações da História Oral. In: **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005. p.29-80.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - Lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.; 23 cm.

ESTANQUE, ELÍSIO. **Acção colectiva, comunidade e movimentos sociais**: para um estudo dos movimentos de protesto público. 55. ed. [S.l.: s.n.], 1999. 26 p. v. 55.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes et al. (Org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. 110 p. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9972>>. Acesso em: 22 out. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JUCÁ, Levi. **Pacoti**: História e Memória. Fortaleza: Premium, 2014. 332 p.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. p. 366-419.

MIANAYO, M. C. de S. (2001). Ciência, técnica e arte. O desafio da pesquisa social. In M. C., Mynaio (Ed.), **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade** (p.9-30). Petrópolis: Vozes

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, (14), fev. 1997. p. 25-39.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: Revista Brasileira de História. p. 219-242. V. 9, n.º19, set. 1989 /fev. 1990.